

A vida dos A'uwẽ: saúde, terra e ambiente¹

*Haya Del Bel*²

*Leonardo Pinto de Almeida*³

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: O presente artigo analisa o papel do sentido da territorialidade nos (as) Xavante de Marãiwatsédé. A partir de nossa experiência de campo, vislumbramos que o pertencimento e a necessidade de reconhecimento do território estão no cerne do problema da integralização da saúde do povo Xavante. Para os (as) indígenas, não há hierarquia ou dissociação entre os humanos e a natureza, porque a terra é de onde todos nós viemos. Essa concepção de vida contrasta com o modo de ser capitalista em que o sentido de pertença se depara com o individualismo vigente. Vemos ao longo do texto que a distinção entre Umwelt, Mitwelt e Eigenwelt nos ajuda a pensar o mundo contemporâneo cindido pelo dinheiro e pela propriedade e fundado sobre os alicerces de uma desconexão profusa com a natureza. Nos povos da floresta, não há distinção entre estes três mundos, já que a terra não é cindida, mas integral. A terra e não o território constitui a subjetividade indígena. Seguindo essa ideia, nos deparamos com o papel da terra na experiência Xavante para resgatar a saúde em sua integralidade.

Palavra-chave: Xavante; saúde; integralidade; vida; terra.

¹ O estudo foi financiado com recursos advindos do Ministério Público do Trabalho de Mato Grosso (MPT/MT) da 23ª Região.

² Socióloga, Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com estágio de doutoramento na Facultad de Filosofia da Universidad Complutense de Madrid. Professora de Saúde Coletiva no Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal do Mato Grosso. Diretora do Instituto de Saúde Coletiva/UFMT. Membro do Núcleo de Estudo em Saúde, Ambiente e Trabalho (NEAST/ISC).

³ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Associado IV do Departamento de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia (Estudos da Subjetividade) da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenador do Ciclo de Leituras LaLit (latinoamericanidades literárias). Colaborador do RA2IL (Réseau pour une Approche Interdisciplinaire et International de la Lecture). Membro Associado do Instituto Riva-Agüero da PUC-Peru. Editor da Revista ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Membro do Conselho Editorial da EdUFMT.

A'uwẽ's life: health, land and environment

Abstract: This article analyzes the role of the sense of territoriality among the Xavante of Marãiwatsédé. Based on our field experience, we see that belonging and the need for territorial recognition are at the heart of the problem of integrating the health of the Xavante people. For Indigenous people, there is no hierarchy or dissociation between humans and nature, because the land is where we all come from. This conception of life contrasts with the capitalist way of being, in which the sense of belonging clashes with prevailing individualism. We see throughout the text that the distinction between *Umwelt*, *Mitwelt*, and *Eigenwelt* helps us think about the contemporary world, divided by money and property and founded on the foundations of a profound disconnect with nature. Among forest peoples, there is no distinction between these three worlds, since the land is not divided, but integral. Land, not territory, constitutes Indigenous subjectivity. Following this idea, we come across the role of land in the Xavante experience to restore health in its entirety.

Keywords: Xavante; health; integrity; life; land.

La vida de los A'uwẽ's: salud, tierra y ambiente

Resumen: Este artículo analiza el papel del sentido de territorialidad entre los xavante de Marãiwatsédé. A partir de nuestra experiencia de campo, observamos que la pertenencia y la necesidad de reconocimiento territorial son fundamentales para la integración de la salud del pueblo Xavante. Para los indígenas, no existe jerarquía ni disociación entre los seres humanos y la naturaleza, porque la tierra es nuestro origen. Esta concepción de la vida contrasta con la forma de ser capitalista, en la que el sentido de pertenencia choca con el individualismo imperante. A lo largo del texto, observamos que la distinción entre *Umwelt*, *Mitwelt* y *Eigenwelt* nos ayuda a pensar en el mundo contemporáneo, dividido por el dinero y la propiedad, y cimentado sobre una profunda desconexión con la naturaleza. Entre los pueblos del bosque, no existe distinción entre estos tres mundos, ya que la tierra no está dividida, sino integrada. La tierra, no el territorio, constituye la subjetividad indígena. Siguiendo esta idea, descubrimos el papel de la tierra en la experiencia Xavante para restaurar la salud en su totalidad.

Palabra clave: Xavante; salud; integridad; vida; tierra.

O presente artigo tem o intuito de refletir sobre o papel da terra na constituição da subjetividade indígena e, por conseguinte, de sua saúde, entendida como integral. Aqui, nos valeremos de nossa incursão no território Xavante de Marãiwatsédé para refletirmos sobre as relações indissociáveis entre vida, terra e saúde. A integralidade da saúde deixa de ser um conceito abstrato, intangível, imaterial, etéreo ou apenas uma baliza teórica para se constituir como visceralmente dependente e co-construída na experiência cultural e histórica do território. Vale ressaltar que, na perspectiva do Estado, a saúde é uma das alças do tripé que compõe o IDH⁴ (Índice de Desenvolvimento Humano), indicador amplamente utilizado na construção de políticas públicas ou de suas diretrizes para o alcance de uma suposta qualidade de vida.

Todavia, o direcionamento ou os vetores destas políticas públicas não são capazes de alcançar as aspirações indígenas no tocante à manutenção territorial em sua própria perspectiva. A exemplo disso, Carolina Rewaptu, Cacica Xavante de Marãiwatsédé, afirma

Território para povo Xavante é o Ró, onde tem fartura: animais para caçar, peixes para pescar e recursos para coletar, para fazer o artesanato. O território, para o sistema da sociedade não indígena é o progresso, o dinheiro. Para os povos indígenas é a natureza, o nosso bem viver, é isso que valorizamos. (MARÃIWATSÉDÉ, 2016: 11)

Nossa argumentação se sustenta na perspectiva Xavante de duas dimensões territoriais, conectadas, e, a nosso ver, indissociáveis, que oferecem uma explicação para a necessidade do retorno a Marãiwatsédé após a retirada dos A'uwẽ Uptabi de sua terra⁵. A fala de Carolina expressa de maneira muito vívida a primeira relação territorial no conceito de Ró e que tange à perspectiva ecológica que, num primeiro momento, encobre a série de fatos cosmogônicos-mitológicos, da base cultural imaterial, principalmente. Com sua fala, Carolina adensa a discussão que terá lugar aqui sobre uma sociedade contra o Estado.

Esta seria uma abordagem tradicional que muito se aproxima dos conceitos de “espaço geográfico”, em Milton Santos, do sentido de valor de troca simbólica, em Hasbaert (2005), e do valor de uso, em Lefebvre (1969). Esta acepção Xavante, em diálogo com as teorias do mundo acadêmico, reforça nosso posicionamento acerca da importância do substrato espacial como valor e que encontra guarida na reflexão:

A renovação da teoria de territorialidade na antropologia tem como ponto de partida uma abordagem que considera a conduta territorial como parte integral de todos os

⁴ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/atlasdodesenvolvimentohumano_norms_medindo.pdf

⁵ Os (as) Xavante de Marãiwatsédé foram retirados de seu território em 1966 por aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). Os (as) habitantes dessas terras ficaram exilados, tendo que morar em outras terras. O governo brasileiro comercializou suas terras e depois de muita luta, os (as) Xavante retornaram a sua terra após ser entregue o 'Auto de desocupação final' no dia 28 de janeiro de 2013, sendo esta a data da conclusão da desintrusão da TI Marãiwatsédé. Para uma melhor compreensão da história da TI Marãiwatsédé, cf. DEL BEL, H. *Terra e Saúde em Marãiwatsédé: Exílio e retorno Xavante*. 1. ed. Cuiabá: Edefmt, 2022.

grupos humanos. Definimos a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” ou homeland (cf. SACK 1986: 19). Casimir (1992) mostra como a territorialidade é uma força latente em qualquer grupo, cuja manifestação explícita depende de contingências históricas. O fato de que um território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos (LITTLE, 2004: 253-4).

Desta forma, vislumbramos o sentido de pertencimento e a necessidade de reconhecimento do território são indiscutivelmente vinculadas e vinculantes para pensarmos a territorialidade Xavante. É nesse sentido que Gomide (2013: 90) corrobora nossa interpretação do sentido relacional de território, que se consubstancia em *Zomori*⁶:

No mito denominado Parinaí'a, que pode ser traduzido como aqueles que renovam ou os criadores, é contada a história da criação dos seres dos cerrados, durante a realização do zomori, o movimento das caçadas longas. Assim, o enfoque do mito é a relação com a construção do território e dos cerrados Xavante.

Neste ponto, o sentido de territorialidade não é dado, não é individual, mas social e culturalmente construído num certo sentido. Em outro, se constitui e se estabiliza na relação com *Ró* (o Cerrado).

Como que tá dando raiz? Raiz que garante a terra dos índios. Por exemplo, tá em pé, tá vivo. Nós estamos pisando em todos, todo lugar quando era jovem. Pisando a terra. Temo dedo e segurando. Marcando. Então, terra a gente tá dando benção para continuar indo crescer e população precisa aumentar. A terra nunca acaba. Eu acaba. A minha neta e as minhas netas e todas as gerações têm terra deles. Então, quando acabar minha vida vai embaixo da terra, mas a neta vai ocupar em cima. Por quê? A terra nunca acaba. Então, subneto vai ocupar cada anos... a mesma coisa... hoje pé de pequi, tem folha verde, mas folha acaba, vai secar, e daqui mais um mês depois vai aparecer folha nova, daqui dez anos, quinze anos vai acabar, secar então, mesma coisa nossa vida... mas aquele que mais brota, outra nova, vai deixar para ocupar, ficar, a terra... a mesma coisa, nossa geração precisa ter a terra para poder sobreviver, sustentar, e cuidar a natureza, essa é a ideia. Sempre que eu falo isso porque a terra é importante. A terra é nossa mãe. (Entrevista de campo, 2016, Arquivo do ISC)

Não há hierarquia ou dissociação entre humanos (indígenas) e a natureza. O entrevistado afirma que a terra é nossa mãe e, por nós, compreende sua família e o pé de pequi. Ambas as dimensões se destacam e se conectam de maneira coletiva. Daí, a importância tanto das expedições de caça e coleta quanto da incorporação e, por conseguinte, transmissão desse conhecimento relacional aos mais jovens:

Pode-se entender o zomori como a recriação deste mito, pois é durante a realização do zomori que os Xavante transmitem e renovam seus conhecimentos para as gerações mais novas. Dialeticamente é no movimento do zomori que os criadores formam o cerrado e o território, e é através desta criação que se pode praticar o zomori, que se traduz como época de caçada e coleta pelos cerrados e pelo território Xavante. (GOMIDE, 2013: 90)

Desta forma, a perda do território também representa a perda de potência, de alimentação e de manutenção cultural e sanitária: não há como manter a saúde sem um território saudável. Sendo a vida em comunidade a base das relações, reforça-se o vínculo entre a vida em comunidade, o território e a saúde, pois é no território que se concretiza o cotidiano no qual o vínculo se estabelece. É pela

⁶ *Zomori* ou *Dzomori*. Há uma variação de pronúncia e a grafia mais adequada à língua A'uwe é, segundo aferição informal junto à indigenista vinculado à Opan e que fala a língua e tem contato com este grupo Xavante é *Dzomori*.

proximidade e confiança que se aumentam as chances de que as orientações a respeito da saúde sejam melhor emitidas e seguidas com mais disciplina.

A relação de vínculo com a vida comunitária que está se reconstruindo no território desde 2004 e, mais efetivamente, desde 2012 com a desintrusão dos(as) posseiros(as), é profunda e se mostra também na superfície. Profunda, pois partiu de um sim a uma demanda coletiva que permitiu uma abertura individual de transformação de vida. A pessoa que antes era um membro exclusivo da comunidade passou a transitar pelo mundo dos não indígenas, compreendendo seus códigos, suas importâncias, suas palavras.

O mesmo sentimento de coletividade perpassa desde a constituição territorial até o cuidado com a saúde. Este é um ponto importante em nossa argumentação quando percebemos que o trânsito entre diferentes culturas pode carrear diferentes sentidos, valores e fragmentar relações. Contudo, a territorialidade Xavante é tão forte que o sentido coletivo permanece nos menores cuidados:

[Fala pra mim o que que você encontra].

A minha preocupação...sempre tô olhando na boca se fosse as criança, se fosse adulto, quer dizer, o dente quebrado, o cariado, sempre falo assim pra os nosso paciente, dentre cariado, quebrado não é bom pra fica, porque se você fica com os dente cariado é perigoso, e às vezes você dorme e através da saliva que você engolindo, às vezes cai aquele bichinho e dá "pulmonário" também, e gastrite, é perigoso, é muito perigoso. Então, alguns tá assustando, que tô explicando, e tá se deixando assim, né. As vezes, tá achando que não é bom não, alguns não tá entendendo ainda, a maioria ainda. (...) Então, alguns tão aprendendo né, e nós tamo trabalhando com o dentista, com a doutora Flávia, e nós tamo fazendo palestra, na escola, ou nas casa também...porque a gente tem que trabalhar pra comunidade, pra sabe, né, a saúde bucal como é que é. Então, essa...a minha preocupação, que nós vamo trabalhando junto com o dentista, junto com a comunidade também. Então, eu não vou assim, fica parado, esperando só os paciente, não. Tem que, tem que fazer palestra, com a família, né. Então, eu acho que vai, daqui a vinte e cinco ano, vão aprendendo.... (...) Então, isso...tudo que aprendi, eu tenho que passa pra comunidade, tem que passa pra minha família também. (...) porque na experiência...porque uma... no começo que ela veio, falei pra ela, ó doutora Flávia, é verdade que com diabete não arranca o dente? É verdade? Sim é verdade, mas tem que ser na experiência, na experiência tem que ser. Se fosse você tem que fazer, que que é, na sua aprendizagem que ela falou pra mim. Então, que ela já fez várias, que já atendeu várias pacientes com, controlado tá entendendo? Então, a comunidade achando que ela é profissional mesmo. (Entrevista de campo, 2015. Arquivo do ISC)

Ainda que possamos ser repetitivos, reafirmamos que, como esta territorialidade não é e não pode ser ou estar destituída de uma geografia, de uma espacialidade, de um *Ró*, o ambiente constitui elemento no qual, com o qual e pelo qual este sentido se delinea e conforma. A esse respeito Tambellini (2008: 9) afirma que:

A palavra ambiental, tal como empregada hoje, corresponde ao termo alemão *Umwelt*, que significa "mundo circundante", ou seja, o mundo das coisas próximas, e provém do termo latino *Ambulare*, que se traduz por 'mundo onde andamos'. O sentido do termo é aquele do mundo visto como proximidade e como contato, relação.

Vemos emergir a noção de *Umwelt* para designar o mundo circundante ou o meio ambiente e, com elas, conseguimos vislumbrar as tensões entre as concepções de território e de saúde no mundo capitalista contemporâneo. Nesse sentido, o Brasil, no conjunto de países capitalistas, fez opções bastante equivocadas, tanto no tocante às opções de ocupação e de uso do solo, quanto na maneira com a qual lida com agrupamentos indígenas e outros grupos sociais:

Aventura desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutiva ou, pelo menos, desequilibrante da saúde econômica da nação: o do pau-brasil, o da cana-de-açúcar, o da

caça ao índio, o da mineração, o da “lavoura nômade”, o do café, o da extração da borracha e, finalmente, o de certo tipo de industrialização artificial, baseada no ficcionismo das barreiras alfandegárias e no regime de inflação. É sempre o mesmo espírito aventureiro se insinuando, impulsionando, mas logo a seguir corrompendo os processos de criação de riqueza no país. (CASTRO, 1984: 216)

Enfim, retomando a *Unwelt*, damo-nos conta de que esta terminologia é importante para pensarmos o território e a vida no universo capitalista e está atrelada a outras duas terminologias não mencionadas no texto e que apresentam uma visão das separações entre espaço e vida, imposto pelo pensamento europeu colonizador. A tríade de noções que estão normalmente atreladas e separadas umas das outras são: *Unwelt*, o mundo circundante, *Mitwelt*, o mundo das relações, e *Eigenwelt*, o mundo interior (BINSWANGER, 1977; MAY, 1977).

A dinâmica capitalista e o individualismo pulverizam as alianças entre estes três mundos (interior, das relações e circundante) como imperativa de permanência e fortalecimento; na realidade a destruição das relações destes mundos isoladamente e entre si é *conditio sine qua* do sistema capitalista. Félix Guattari (2001) denomina estas dimensões de três registros básicos da existência: ecologia interna, ecologia social e ecologia ambiental e, nesse diapasão, também oferece como explicação do desmantelamento destas ecologias o sistema capitalista e a forma como a sociedade de consumo se constitui dentro dele.

É instigante encontrarmos a noção de *Unwelt* em um livro que versa sobre saúde e território. Concordando que somos a soma dos nossos mundos interiores, das nossas relações e do ambiente ao nosso redor, perguntamos: Como resgatar o problema da saúde em sua integralidade à luz dos mundos que nos constituem? Este problema está no cerne de nossa discussão sobre o conflito territorial e que, mesmo sem podermos nos debruçar sobre o tema com maior profundidade, merece algumas considerações. A pressão da urbanidade sobre a ruralidade e do capitalismo sobre territorialidades não capitalistas finda por criar uma tensão entre propriedade privada da terra e lucro e é sobretudo um conflito entre visões de mundo. Do outro lado do conflito, há outro grupo, há esta territorialidade cuja relação com a terra, com a paisagem, com o substrato espacial está prenhe de significados simbólicos que se traduzem em valor de uso. Assim, o conflito entre as duas visões também é um conflito entre os valores de troca e de uso (LEFEBVRE, 1969).

Todavia o conflito apenas se consubstancia quando a disputa pela terra coloca os grupos frente a frente, confrontando, não apenas relações diferentes com a terra, mas visões de mundo completamente distintas e não complementares, antagonicas. A distinção entre *Unwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt* só é possível em um universo cindido pelo dinheiro e pela propriedade e, por conseguinte, de uma desconexão com a natureza. Nos povos da floresta, não há distinção entre estes três mundos, já que a terra não é cindida, mas integral. A terra e não o território constitui a subjetividade indígena.

O lugar, o lugar é muito importante para as novas geração, pra mim também me importante, e conheceres entre territórios, entre do povo, como a regra sociais. E atividade realizada do nossos prática culturais, em ser a minha ideia e tu colocou aqui porque a tua mente do trabalho entre território coletivo, vamo nós trabalha junto o parceiro da comunidade. (Entrevista de campo, 2016. Arquivo do ISC)

Para o geógrafo Milton Santos, o lugar é onde há o acontecer solidário, mas é importante também distinguir este conceito que poderia nos levar a crer que “acontecer solidário” é uma função ética mais do que um preceito espaço-temporal, portanto localizável geograficamente:

Nos dois casos, trata-se de um acontecer solidário, que define um subespaço, região ou lugar. A noção, aqui, de solidariedade, é aquela encontrada em Durkheim e não tem conotação moral, chamando a atenção para a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum. (SANTOS, 2009: 166).

Adiante a distinção entre o entrevistado e Santos se criva, pois, para o primeiro, lugar tem relação com o uso social do espaço, com os processos e as dinâmicas socioculturais sem “lugar” nas definições de uma tríade que define o acontecer solidário:

Esse acontecer solidário, malgrado todas as formas de diferença, entre pessoas, entre lugares, se apresenta sob três formas no território atual: um acontecer homólogo, um acontecer complementar e um acontecer hierárquico. (SANTOS, 2009: 166)

A terra para os(as) indígenas é um lugar anterior a um lugar como *acontecer solidário*. Na urbanidade, o lugar faz emergir o solidário. No entanto, para os(as) indígenas esse lugar sem lugar ou este lugar anterior às ideias de lugar, que é a terra, não cria o solidário, já que não há separação entre terra e os três mundos. A terra não faz emergir o solidário, porque não há, para os (as) Xavante, separação entre a subjetividade e a terra. Há sempre uma relação integralizante, inseparável e total.

Portanto, esta definição observa muito mais as ocorrências dentro de um sistema ocidental, capitalista, que define globalmente regiões, acontecimentos, mas deixa de lado ou não tem um olhar para o que ocorre nos territórios ontológicos (GUATTARI, 2001; OLIVEIRA, 2017). Nestes mesmos territórios, a existência ocorre na contramão e, portanto, em resistência aos movimentos globais, notadamente quando estas dinâmicas são impulsionadas pelo sistema atual e pelo Estado que determina a configuração territorial. Assim, é preciso também distinguir o significado e a aplicabilidade do conceito de território para os (as) Xavante na medida em que se aproxima de uma ideia de terra e territorialidade: *Ró* e *Zomori*, respectivamente, indistintas e complementares.

A ideia de território, como conceito urbano como valor de troca (LEFEBVRE, 1969), é produzida nas paragens das trocas mercantis⁷. Os povos da floresta entendem que a terra os constitui, advindo desta relação seu sentido de territorialidade. Na famosa carta do cacique de Seattle, afirma-se que “O que fere a terra fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio”⁸.

No filme *Terra vermelha*⁹, vemos retratada com clareza a brutalidade do conflito territorial entre indígenas e latifundiários. Além disso, na cena em que os peões do latifundiário e os(as) indígenas se encontram, um indígena pega a terra e a come, retratando a integralidade da terra para os(as) indígenas. Esta cena, de uma plasticidade estética impressionante, marca a distinção entre a visão do território como propriedade e da terra como constituição de uma subjetividade indígena.

O indígena diz, sem palavras, que ele, como os seus e as suas, são inseparáveis da terra, porque eles pertencem a ela e não o contrário. Em nossa pesquisa, os

⁷ Nas discussões sobre conceitos de territórios, há um câmbio de terminologias. A princípio, Lefebvre conceituou território dividindo-o em duas concepções diferentes e excludentes: uso e troca. Uso, considerando em termos de manuseio. Troca, no sentido do mercantilismo. Posteriormente, estes conceitos trasladaram-se, invertendo-se os polos: uso na acepção de uso prático (produção, domínio), ao passo que o valor de troca foi atribuído à dimensão simbólica da relação com o espaço.

⁸ Extraído de http://www.culturabrasil.org/seattle_cartadoíndio.htm

⁹ Ficha técnica: Nome: A terra vermelha. Nome Original: La terra degli uomini rossi. Cor filmagem: Colorida. Origem: Brasil e Itália. Ano de produção: 2008. Gênero: Drama. Duração: 108 min. Direção: Marco Bechis.

(as) Xavante dizem, com palavras, os sentidos de pertencimento e relação com a terra:

A minha importância de verdade, território, pra mim é muito importante, porque um de nós pra caçar, fazer expedição, buscar o nosso carne, nosso alimentação. Território é do nosso mercado, porque onde fica nossa alimentação? Água, animal ou fruto, e raiz medicinais também. Esse, mais importante pra mim, eu conservar muito da nossa natureza, e nosso raiz tradicionais também, porque onde fica nosso raiz? Quando dia, o rapaz, ou velho, morde a cobra, a minha esposa vai buscar do raiz tirar, pegar, vai curar alguém, por isso pra mim importante os nossos territórios. Eu vi falta só a gente que fala vereda, tá pouco aqui mesmo.

Por isso, tá... pra mim mais importante meu território, onde nós dormimos pra fazer expedição, onde nós caças, onde nós pesca, por isso importante pra mim. Os jovens querem eles também sabendo tudo. Nós todos, indígenas, querem muito, porque terra não acaba, por isso território é o mais importante pra mim. Eu gostei muito território, o nosso território é rico mesmo, porque nosso terra tá criando as crianças, por isso. (...)

O meu sonho é assim: quando... agora eu vivo ainda, minha esposa vive. Quantos anos será que nós ainda vivos, bem velhos? Não sei. E antes nós junto com a minha esposa, vamos falar, explicar nossos filhos, a terra. Esse a aterra mãe, né, a mãe. A minha ideia e se aterra mãe, do outro também ser filho dele, filho e filha, acho que e filho também, porque essas ideias onde quando se cria meu filho, ele vai mudar outra aldeia, cresce também, no outro também, ele vai crescer lá também. Esse pra mim importante, porque nós sempre fala em cima de nossos filhos, e nos sobrinhos também, eu sempre falo, eu sempre mesmo, porque não pode perder a... nosso terra mesmo, terra, nessa relação mais importante. A terra mãe essa mesma aldeia, terra a mãe outra aldeia e se a mãe ouviu falar. (Entrevista de campo, 2016, Arquivo do ISC)

No entanto, como o Estado é aquele que gerencia o território, a partir do capitalismo, os(as) indígenas devem defender a integralidade da terra e de suas vidas, pela retórica do território, pois somente seguindo o tracejar das concepções dos/as brancos/as podem lutar pelos seus direitos à terra e à integralidade da vida. Assim, as questões relativas à terra e à saúde estão intrinsecamente associadas pelo viés da integralidade proposta pelo pensamento e pela vida indígena.

A tensão entre as duas visões de mundo acerca da terra e do território se materializa no mundo capitalista em termos de conflitos, ou seja, de disputas territoriais e dinâmicas de estratégias versus tática (CERTEAU, 2001). Para defender a terra, os(as) indígenas devem taticamente se valer da retórica dos direitos humanos para exigirem a integralidade da vida e seu direito àquilo que os/as brancos/as chamam de território.

Para exigir tais direitos, eles devem recorrer ao Estado, já que o controle territorial das nações é legislado e fundamentado pela dinâmica estatal, que tem como forma de funcionamento a norma e a burocracia. Os (as) Xavante de Marãiwatsédé o fazem com maestria, como demonstrado no excerto abaixo:

Agora a desintração já começou. Os anciões esperam muito tempo para tirar os não índios da terra. Sofreram muito. A vida inteira sofrendo, esperando tirar os fazendeiros grandes. A lei federal, a constituição, as autoridades estão do nosso lado. As autoridades da força nacional, exército, polícia federal estão do nosso lado porque a presidente Dilma sabe que a terra é dos Xavantes de Marãiwatsédé. Agradecemos as autoridades e todas as entidades que nos apoiam nessa luta da verdade contra a mentira. A desintração é ótima. (PARIDZANÉ, 2012: 1)

Harvey (2013) indica, em *A produção capitalista do espaço*, o papel fundamental do Estado em relação ao problema da territorialidade. É necessário pensarmos, além do tempo, na dinâmica de uma sociedade capitalista em relação ao trabalho, o espaço como *locus* dos conflitos relativos à propriedade e à produção:

Assim, a história do capitalismo ficou marcada por reduções dramáticas no custo ou tempo de movimento, além de melhorias na continuidade do fluxo. As relações espaciais estão, desse modo, sujeitas à transformação contínua. (...) Depois de formalmente representada pelo Estado, a coerência territorial torna-se muito mais perceptível (HARVEY, 2013: 146).

A formalização territorial, feita pelo Estado, é crucial, já que “toda forma de mobilidade geográfica do capital requer infraestruturas espaciais fixas e seguras para funcionar efetivamente” (HARVEY, 2013: 146). É o Estado que agencia essas infraestruturas espaciais fixas, assegurando a divisão de partes do território. Na dinâmica capitalista, o estado regula, regulariza e fomenta o controle territorial, já que é o responsável pela coesão institucional do território.

Por outro lado, aos(as) indígenas de Marãiwatsédé, as diversas incongruências e dinâmicas de contradição são estranhas e não respondem às perspectivas de construção ética da relação indissociável entre a paisagem e a cultura. Desta forma, ao entrevistado, cuja relação com os(as) outros(as) indígenas e com o substrato espacial está permeado por relações convalidadas, a aparente coesão do Estado é uma incoerência entre ação e teoria:

O Estado é diferente dos outros agentes em diversos aspectos. Em primeiro lugar, o território e a integridade do território são os objetivos do seu conjunto de funcionários, em um grau incomum em relação aos outros agentes. Em segundo lugar, em virtude de sua autoridade, o Estado pode dar forma e coesão mais firmes às alianças regionais de classes por meio das instituições legais, executivas, de participação e negociação política, de repressão e força militar. Em terceiro lugar, pode impor fronteiras relativamente seguras sobre limites geográficos porosos e instáveis. Finalmente, devido ao seu poder de tributar e controlar a política fiscal e monetária, pode estimular e sustentar a coerência regional estrutural relativa à produção e ao consumo, à qual o capitalismo tende de qualquer maneira, e pode empreender os investimentos infraestruturais que os capitalistas individuais não são capazes de assumir. O Estado também pode se transformar no agente central para a promoção da ideologia nacionalista. Por todas essas razões, ele se torna a chave relativa à expressão da tendência de estabelecer alianças regionais de classes e acrescentar seu próprio específico fundamento lógico a esse fundamental processo subjacente. (HARVEY, 2013: 148)

Na entrevista, observamos a forma como o entrevistado percebe a ação ou inação das agências do Estado em função das necessidades dos (as) Xavante. Por outro lado, em contraponto, neste trecho do livro de Harvey, vislumbramos com clareza o papel do Estado em relação ao controle territorial: manutenção da integridade do território para dar coesão e formar as alianças regionais à luz do uso da dinâmica institucional; imposição de fronteiras; tributação e controles fiscal e monetário; e promoção de ideologia nacionalista.

O espaço se territorializa a partir das intervenções sociais e que, à mercê destas, configura-se em paisagem que pode ser significada por observantes que participam da formação da paisagem/território de maneira ativa (SANTOS, 2009). Não é sem motivo que “os territórios agrários e urbanos constituem os espelhos das transformações do espaço” (RAFFESTIN, 2009: 22-3). Isto se reflete nas relações sociais, nos conflitos, na paisagem e em todas as questões atinentes ao imperativo de retirada dos (as) Xavante até seu retorno e aos problemas de saúde decorrentes, por um lado. Por outro, este retorno reflete as relações com espaço e com paisagem na medida em que uma territorialidade se defronta com uma realidade espacial.

É na tensão, no conflito e na dialética das relações que se cria o pertencimento. O sentido da territorialidade ou do território, enquanto parte da identidade, não se forma por via da homogeneidade social, mas por meio da diversidade e, nela, o ruído, a aspereza e o atrito. Ora, toda problemática de conflitos e da

disputa fundiária em Marãiwatsédé não é outra coisa senão um fenômeno subjacente a um processo de desterritorialização em que pesem as críticas contrárias a este conceito (HAESBAERT, 2005), mas que afetam sobretudo a manutenção da saúde indígena na relação com a ecologia, notadamente, quando a relação entre os componentes culturais e ecológicos são indissociáveis.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre as diferentes finalidades dos processos de ocupação do que seria, a princípio, um espaço e, mais do que isso, na lógica malthusiana, um “espaço vazio”, motor primeiro da retirada dos (as) Xavante da região de origem. Portanto, teríamos diferentes situações de ocupação espacial: apropriação e dominação. O valor da dominação está mais ligado ao uso do espaço em termos funcionais e, por isso, menos apropriado no sentido de criação de laços com o ambiente social.

Eu vou falar. Viemos aqui na aldeia A'õpá, quanto que tê no processo (...) por nossa luta e essa retomada e conquistamo essa é mais tranquilidade no atualmente. Então viemo aqui foi um ancião que veio ali. O ancião foi querendo saber demais. Aqui dentro da terra que existe é mais (...) Outra coisa, tem um rio ali, o nosso levantação pra pescar o peixe, exemplo. Então viemo aqui tudo aí e foi morando aqui no A'õpá. (...) Então só foi faltando é chuva, é o nosso de sobrevivência, a alimentação. Outra coisa também. O ancião tem preocupação ainda, foi pedindo chuva aí. Eu fazia minha fala sobre a desconvivência da A'õpá (...) aqui na A'õpá não fomos esquecidos. Estamos lembrando para refortalecer o nosso ritual, as nossas tradições, que dança e canta, isso mais forte no espiritual de nossa vida. Então hoje no futuramente, do ancião e do jovem, e mais acrescentado as crianças, que imensa responsabilidade no futuramente. Nossa vida, e nossa cultura, e nossa terra. (Entrevista de campo, 2015. Arquivo do ISC)

A riqueza, a diversidade multiterritorial, decorre das condições em que os(as) habitantes se estabelecem e nos quais/pelos quais produz e são produzidos. Portanto, se a dominação se sobrepõe à apropriação, teremos cada vez menos produções múltiplas, justo porque “as relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço” (HAESBAERT, 2005: 6775) proporcionam, por suas lógicas-ve-tores, funcionalidades ou cultura simbólica em relação ao/com o ambiente.

Assim, o entendimento das dinâmicas formativas destes territórios ocorre em função do conhecimento ou reconhecimento dos sujeitos que atuam sobre eles. Se há invisibilidade e se a lógica territorial não atende aos interesses, os conflitos serão aumentados e ficarão cada vez mais violentos.

Os conflitos, em função das relações de poder que produzem o território, são observáveis em Marãiwatsédé inclusive no câmbio de denominação (Fazenda Suiá-Missú), pois “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais” (HAESBAERT, 2005: 6776), ainda que não sejam excludentes. Contudo, há alternâncias e sobreposições espaço-temporais e, em algumas situações, há combinações entre significação e utilização, entre ser e estar no território (HAESBAERT, 2005). De igual maneira, misturam-se aspectos do funcional e do simbólico.

Finalmente, esta territorialidade não representaria uma condição do indivíduo como quer uma tendência neoliberal no discurso da internalidade desta noção de pertencimento, mas seriam territórios de resistência, onde sua cultura e tudo que nela vive resultariam como consequências dos processos de continuidade.

É como um segredo, o... não é que o curandeiro que cura todas as doença, ele cura uma doença, ele tem o seu segredo para curar aquela doença, ele usa, né, mas ele não revela para ninguém, só vai revelar para uns dos filhos que ele vai poder depois continuar, né?

Quando chegaram noutras xavantes, eles representam que é de Marãiwatsédé, nem deixaram da sua descendência. Aí eu não sabia quando eu cresci, não sabia onde que eu vivia era minha terra, eu achava assim, quando... tem hora que eu lembro isso. Pra mim é natural esse lugar que eu cresci, que eu me formei rapaz. E quando comecei a ouvir a fala do meu pai, só que assim, eu não entendia que ele fala só de Marãiwatsédé, eles viajam pro cidade, atrás do processo, mesmo assim eu não conhecia a história. Aí no dia que vem, a pessoa fala muito de Marãiwatsédé, falava muito, e só aqui que eu conheci a minha descendência, de Marãiwatsédé, porque meu pai falava muito, mesmo assim eu não conheci. Então, segundo, do meu ponto de vista, eu estou aqui porque aqui é a terra do meu antepassado, terra sagrada, onde morreram muitos nossos passados, e sendo assim, eu... onde eu for eu sempre ser Marãiwatsédé, xavante de Marãiwatsédé, porque isso a gente se... a nossa vida se forma de Marãiwatsédé, do lugar. É uma região de mata, mata alta, é uma ocupação da região, matas, e ainda a nossa vida se forma como Marãiwatsédé. (Entrevista de campo, 2015. Arquivo do ISC)

Para Sack (*apud* SAQUET, 2009: 86), a territorialidade corresponde às ações humanas quanto à “tentativa de um indivíduo ou grupo de controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas e relações numa área delimitada”. Portanto, território e territorialidade são ambos efetuados em diferentes níveis (indivíduo, casa, bairro, escola), dependendo do contexto social em que se encontram, mas se mobilizam em termos de comunicação, de controle e de classificação, ainda dependentes das relações de poder a fim de efetuar e efetivar sua territorialidade. Desta forma, não negamos as relações de poder inerentes, subjacentes à territorialidade A’uwẽ, mas esses processos não criam situações de domínio e de despotismo, pois a perspectiva das dimensões da existência (*Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*) adquirem outras tonalidades.

Na relação dialética entre o ser humano e a natureza, perfaz-se o território. Por um lado, o ambiente natural exerce influência sobre o humano e afetações sobre sua territorialidade. Por outro lado, no momento em que a territorialidade afeta o espaço, faz-se o território.

Com todos os brancos de nossa natureza, perdemo tudo. Hoje tamo tudo pasto ali. Foi restando pouco ali de mato. Mas nós temos ali medicamentos tradicionais para fazer curar(Entrevista de campo, 2016. Arquivo do ISC)

Então isso é a tristeza do Brasil. Que que foi bagunçado? É o senador, deputado. É crise. A nossa crise não é crise econômica, é do ritual e da alimentações tradicionais e naturais também. Tirou a natureza acabou (...) E até hoje o pessoal que vem, não só você, mas outros que vem, o que você vê? Só o pasto, potro. Não tem rio. É tudo lagoa. Mas aí era pra ter um córrego. Então foi, finalizo, só isso. (Entrevista de campo, 2016. Arquivo do ISC)

Pensando a crítica de Haesbaert (2009) em relação ao mito da desterritorialização e reterritorialização, vislumbramos a possibilidade de entender o processo de multiterritorialidade. A territorialidade, segundo este autor, está dentro e não no exterior ao sujeito, logo não poderia ser aniquilada e reconstituída, por estar existindo onde quer que o sujeito se localize. No entanto observando a vida e a problemática da territorialidade junto aos (às) Xavante de Marãiwatsédé, questionamos seu posicionamento diante da necessidade dos (as) Xavante de retornarem ao território e lutar pela manutenção de seu modo de vida no local.

Se o estabelecimento de territórios se faz por via das relações não importando o substrato material, esse substrato (e tudo nele) estaria condenado à condição de recursos a serviço do humano. Portanto, encontraríamos a justificativa a todo o processo de degradação que, neste momento, atinge fatalmente Marãiwatsédé como um problema fundamental.

Desta feita, a dominação territorial sem impressão de uma marca, sem de-

marcação, equivaleria a dizer que o documento, a palavra ou apenas o poder determinaria a condição ou situação espacial do território. Noutra sentido, imprimir, marcar, demarcar, equivale a demonstrar que o território tem dono, portanto a ocupação e a aniquilação da paisagem ou sobreposição de uma nova paisagem é a materialização necessária do território, ou seja, a territorialização.

É, quando nós chegamo pra cá é, tinha só gado, gado e pasto.

No início nós começamo aqui perto, perto do córrego daqui, pertinho. Ai ali quando alguém planta, nasce, cresce, morre: Por que isso? A terra já tá contaminada. Com veneno, assim, né? Por isso, não tá crescendo bem não.

Então, quando eles entrava aqui destruíram muito, destruíram muito e acabaro os bichos, animais, peixes, então é, antes que... antes que, invadi essa terra existe muita caça, peixe, então quando deixava esse já não tinha mais, depois do retorno aqui já não tinha mais. Eles achava que não era assim, não era assim que foi deixado essa área, então a manta, as mata se formo com a pastagem e os rios se formaram pouquíssimos, e acabaro tudo, é uma degradação mesmo né, degradação do ambiente também, que nos ajudo, nos ajudo da nossa convivência, da nossa saúde. (Entrevista de campo, 2015. Arquivo do ISC)

A construção desse território pela territorialidade se dá na troca da paisagem quando há sobreposição territorial, melhor dizendo, quando se opõe ou sobrepõe um território a outro, pois então é preciso considerar que tudo é território para alguém ou algo, seja um grupo social, uma formação geológica, um ecossistema (SOUZA, 2009). As relações de poder são a base ou aquilo que melhor caracterizaria um território e, por extensão, as diferentes territorialidades. Os conflitos e a violência são historicamente marcas das territorialidades mato-grossenses e que se traduzem em modificações de categorias analíticas em Milton Santos (2009). Portanto essas categorias analíticas, aventadas por Milton Santos (2009: 22), concorrem na construção deste espaço (leia-se espaço como a noção mais atual de território):

a partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...] a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo.

Ocorre que essas categorias analíticas nos servem também para observar a forma como os conflitos se dão, ou seja, são operacionais na junção com as diferentes narrativas das comunidades (importante observar que são diferentes processos de ocupação de Marãiwatsédé), mas também na observância de que as técnicas apontam para as formas de ocupação.

*Recebido em 31 de agosto de 2025.
Aprovado em 10 de dezembro de 2025.*

Referências

- BINSWANGER, L. El caso de Ellen West: Estudio antropológico clínico. In: MAY, Rollo; ANGEL, Ernest.; ELLENBERGER, Henri F. (eds.). *Existencia*. Madrid: Gredos, 1977. pp. 288-7.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DEL BEL, H. *Terra e Saúde em Marãiwatsédé: Exílio e retorno Xavante*. Cuiabá: EdUFMT, 2022.
- GOMIDE, Maria Lucia Cereda. Territorialidade Xavante: Zomori. *Agrária*, 19: 86-104, 2013.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. “Da desterritorialização à multiterritorialidade”. In: *Anais... 10º Encontro de Geógrafos da América Latina*, São Paulo, 2005. pp. 6774-92.
- HARVEY, David. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.
- LITTLE, Paul Elliott. “Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade”. In: *Anuário Antropológico 2002/2003*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. pp. 251-90
- MARÃIWATSÉDÉ, Povo Xavante de. *Plano de gestão da terra indígena Marãiwatsédé*. Cuiabá: Xavante de Marãiwatsédé, 2016.
- TAMBELLINI, Anamaria Testa. “Prefácio”. In: MIRANDA, Ary Carvalho *et al.* *Território, ambiente e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. pp. 9-15.
- MAY, Rollo. “Orígenes y significados del movimiento existencial en Psicología”. In: MAY, Rollo; ANGEL, Ernest.; ELLENBERGER, Henri F. (eds.). *Existencia*. Madrid: Gredos, 1977. pp. 19-57.
- OLIVEIRA, Herman Hudson de. *Antropogafia e Educação ambiental em seus sentidos estéticos e políticos*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.
- PARIDZANÉ, Damião. *Carta da Comunidade Xavante de Marãiwatsédé para a sociedade brasileira. Marãiwatsédé – A terra é dos Xavante* (Site da internet), 2012.
- RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular/Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP, 2009. pp. 13-32.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. USP, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. *Revista Geografia*, 8 (15), 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular/Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP, 2009. pp. 53-68.